

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC/SP

DANIELA RAMALHO CURY



**O PONTO DE VISTA DO PROFESSOR SOBRE O USO DA ESCRITA DE
SINAIS NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS**

SIGN WRITING

PEDAGOGIA - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**SÃO PAULO
2010**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC/SP

DANIELA RAMALHO CURY



**O PONTO DE VISTA DO PROFESSOR SOBRE O USO DA ESCRITA DE
SINAIS NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS**

SIGN WRITING

PEDAGOGIA - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, sob a orientação da Prof^ª.Dr^ª. Maria Anita Viviani Martins e co-orientadora Prof^ª. Dr^ª. Maria Cecília de Moura.

**SÃO PAULO
2010**

“Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeito a pessoa por que a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhes ser surdo” Terje Basilier

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes da minha vida, meus pais Sergio Cury e Lucia Ramalho Cury e minhas irmãs Patricia R. Cury e Luciana R. Cury, que são patamar do meu caráter e educação e especialmente à Mirian da Silva Sanchez, minha razão de viver. A vocês pelo amor, carinho, alegria, apoio, confiança e por tudo. Agradeço a Deus por tê-los em minha vida. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, quero agradecer a todos que ajudaram e possibilitaram que ele se tornasse possível.

Especialmente a Deus pelo dom da vida, fé, amor e força.

À Prof^a Dra. Maria Anita Viviani Martins, minha orientadora que sempre demonstrou confiança em meus estudos e se mostrou positiva comigo durante o tempo todo. Com sua motivação e incentivos me orientou a analisar os problemas por diversos pontos de vista.

À Prof^a Dra Maria Cecilia de Moura, minha co-orientadora que, demonstrou a sensibilidade e interesse, sem se preocupar com o tempo reduzido, disponibilizou a rever comigo todos os mínimos detalhes de meu trabalho, deixando-o mais correto e organizado.

A minha família, pelo exemplo, apoio e amor incondicional.

A querida Mirian da Silva Sanchez, pela pessoa que é, por todo seu amor, carinho, apoio e compreensão. Te amo!

Aos meus queridos amigos Tiago Codogno Bezerra e Teresa Cristina Leança Soares Alves, por acreditarem em minhas idéias, por confiarem em mim, por sonharem comigo e, principalmente, por ajudarem a tornar meus sonhos realidade.

Aos meus amigos Catarina, Rodrigo, Monica, Juliana e Alessandra, pelo apoio, incentivo e colaboração, que deram um impulso para a realização deste trabalho.

Ao sujeito da pesquisa que compartilhou comigo suas experiências e possibilitou que esse trabalho se tornasse realidade.

A todos que não foram citados, em todo caso colaboraram indiretamente ou diretamente na realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho procura compreender o processo de alfabetização com crianças Surdas levando em consideração o uso da escrita de sinais.

A língua de sinais, até há pouco tempo, era vista como uma língua sem escrita, isto é, uma língua ágrafa. Na década de 70, surgiu o sistema de registro para as línguas de sinais – SignWriting - criado por Valerie Sutton, na qual ela registrava os movimentos da dança em escrita. A partir daí foi criada a escrita de sinais sendo esse considerado um marco histórico. Alguns estudos foram feitos a partir de então que demonstraram a importância do uso de escrita de sinais no processo de alfabetização de crianças Surdas. Além disso, espera-se que a SignWriting estimule os aspectos visuais e cognitivos dos Surdos.

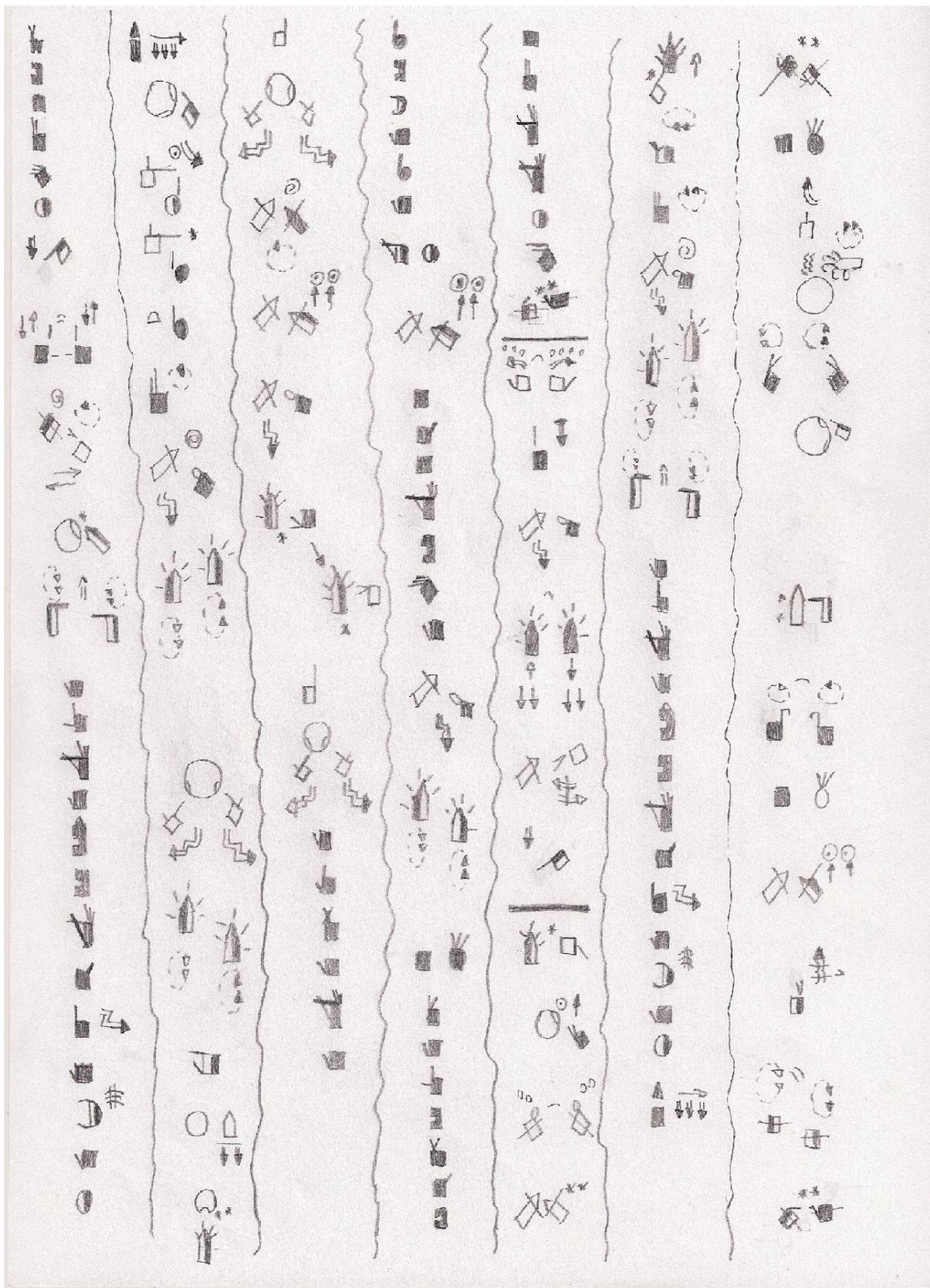
Os softwares SignWriting foram criados no mesmo período da origem da escrita de sinais e vieram para construir um patamar mais alto de interação dentro da própria comunidade Surda junto com a comunidade ouvinte. Os softwares criados visaram facilitar o uso da escrita da língua de sinais.

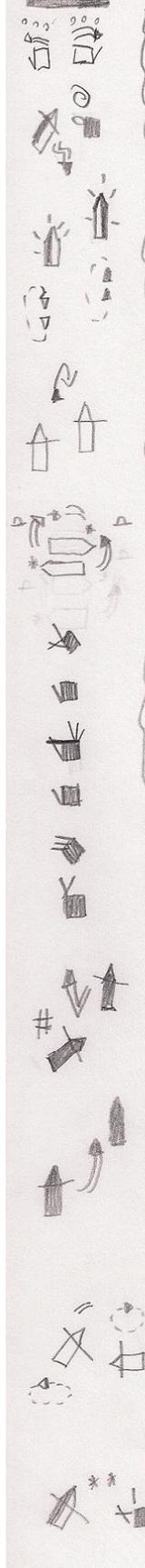
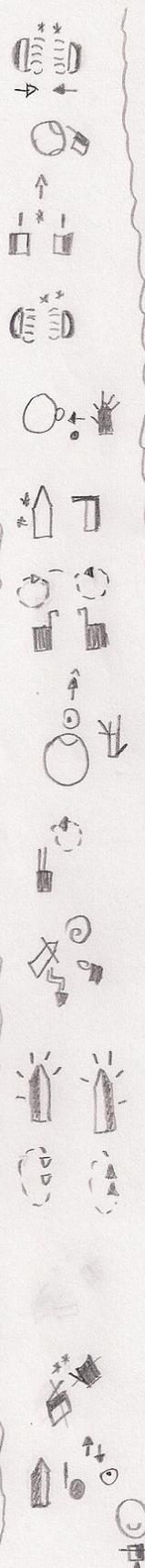
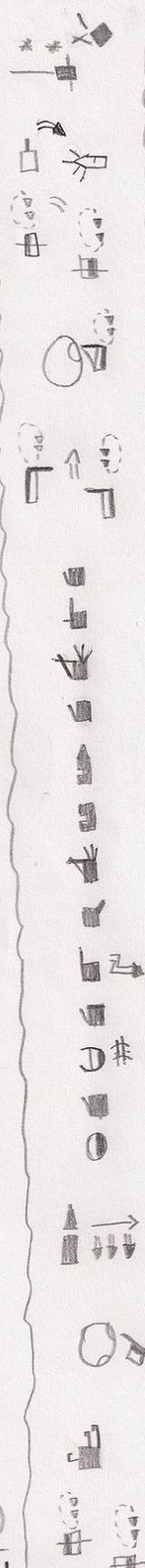
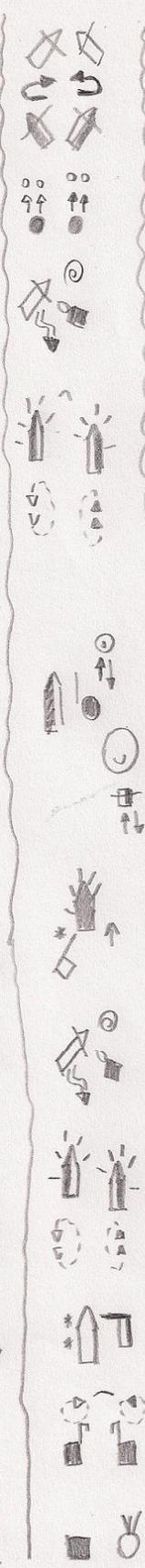
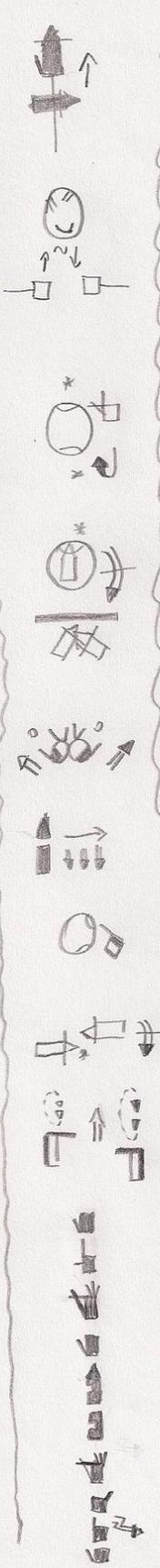
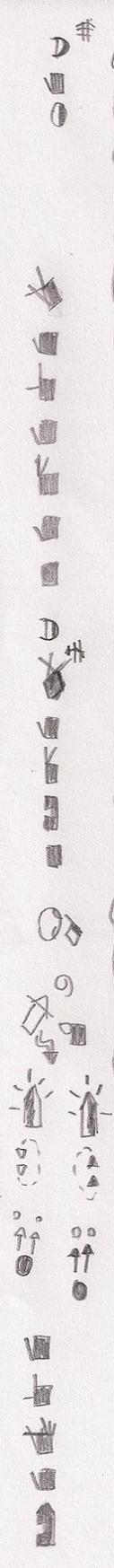
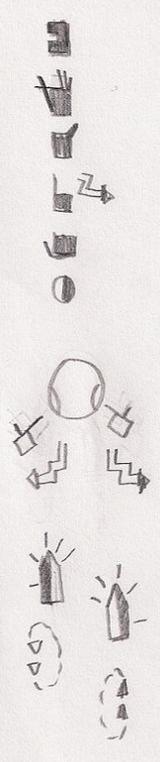
Foi entrevistado um pedagogo com 14 anos de experiência no processo de alfabetização de crianças Surdas, sendo 5 anos ligada ao ensino da escrita de sinais

Conforme a entrevista, pode-se verificar que a escrita de sinais e os softwares SignWriting ajudam a fortalecer a autoconfiança e autonomia das crianças Surdas durante seu processo de alfabetização.

Palavras-chave: Surdo, Escrita de Sinais, Educação, Alfabetização, Língua de Sinais

RESUMO EM ESCRITA DE SINAIS





SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| CAPÍTULO I | 6 |
| INTRODUÇÃO | 6 |
| 1. PROBLEMA | 6 |
| 2. JUSTIFICATIVA | 7 |
| 3. OBJETIVO GERAL | 8 |
| 3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 8 |
| 4. METODOLOGIA – caminhos de pesquisa | 8 |
| 4.1 Procedimentos de coleta e análise de dados..... | 8 |
| CAPÍTULO II | 10 |
| 1. Fundamentação Teórica | 10 |
| CAPÍTULO III | 42 |
| 1. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS..... | 42 |
| 1.1 Aquisição de Escrita | 42 |
| 1.2 SignWriting | 45 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 46 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 48 |
| ANEXOS | 51 |

CAPITULO I

INTRODUÇÃO

1. PROBLEMA

Sou Surda e oralizada, isto é, aprendi a falar usando aparelhos auditivos (aparelhos de amplificação sonora individual) e fazendo terapia fonoaudiológica. Quando criança e adolescente nunca tive contato com a comunidade Surda nem aprendi Língua de Sinais – Libras (Língua Brasileira de Sinais). Com o tempo passei a me sentir muita constrangida por não dominar esta comunicação dos Surdos, algo que faltava para completar o meu mundo. Sentia que esta língua estava incorporada no meu corpo, ou seja, nasci com uma língua inata, algo que precisava desenvolver assim como precisava conhecer o mundo dos Surdos. Após da minha formação de Educação Física na UNISA em 2000, criei a coragem para fazer o curso de Libras de módulo completo de 3 anos. Desde então, me apaixonei por esta língua tão digna e gratificante. Somente iniciei meu contato com a comunidade Surda quando comecei trabalhar numa empresa onde havia 6 Surdos. Em 2008, por incentivo de um amigo Surdo, acabei entrando no curso de Letras Libras na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), modalidade a distância, com um final de semana presencial (sábado e domingo) por mês no pólo UNICAMP. Este curso é composto por até 30 alunos de Surdos e considera a Libras como primeira língua, enquanto a língua portuguesa é considerada como segunda língua. Assim, passei a viver em dois mundos: o da comunidade ouvinte e outro da comunidade Surda. Para meu espanto, em meus estudos na UNICAMP, conheci e estudei a escrita de sinais – SignWriting – algo que pensei que jamais fosse capaz de adquirir e pela qual me interessei e que deseje compreender de forma mais profunda. É por esse motivo que pretendo realizar este trabalho de conclusão sobre esse tema: as contribuições do ensino da escrita de sinais por próprio punho e por software SignWriting na formação do pedagogo.

O uso de SignWriting (escrita dos Sinais) é algo que começa a ser discutido atualmente no Brasil, mas poucos trabalhos buscam compreender como ele é visto e utilizado por professores de Surdos.

Partindo do princípio que a escrita de sinais pode ser um instrumento valioso na alfabetização e letramento de crianças Surdas¹, desejo compreender como ela está sendo vista e utilizada pelo professor de Surdos em São Paulo. Esta escrita de sinais será e está sendo um desafio para os Surdos, pois um dos problemas enfrentados por eles é o deles não poderem se expressar por meio da escrita de sua própria língua, ou seja, a língua de sinais. Atualmente, os Surdos são obrigados a utilizar de sua segunda língua – língua portuguesa na modalidade escrita – para escrever o que pode se tornar uma tarefa muito difícil para muitos deles. Afinal, o código escrito de uma língua oral está baseado em foneticismo, em que a grafia é desenvolvida a partir dos sons, o que acaba dificultando seu aprendizado, da forma como é feito atualmente, pelos Surdos.

2. JUSTIFICATIVA

Atualmente, no Brasil, a escrita de sinais é algo inédito e está começando a se difundir nas escolas de Surdos, que para muitos profissionais na área educacional a língua de sinais ainda é vista como escrita ágrafa. Pretendo apontar a importância da aquisição da escrita de sinais na alfabetização e letramento para as crianças Surdas. Para isso pretendo elaborar e aplicar um questionário para compreender quais são as concepções do pedagogo com relação aos aspectos gramaticais e lingüísticos desta escrita, seja do próprio punho como com uso do software SignWriting.

¹ Entendo que o uso de “Surdo” com letra maiúscula destina-se como indivíduo, seguindo Moura (2000) “Quando uso “*Surdo*” me refiro ao indivíduo que, tendo uma perda auditiva, não está sendo caracterizado pela sua “deficiência”, mas pela sua condição de pertencer a um grupo minoritário com direito a uma cultura própria e a ser respeitado na sua diferença. Quando da utilização de “*surdo*”, por sua vez, me refiro a condição audiológica de não ouvir. Este tipo de convenção foi proposta por James Woodward em 1972 (Padden; Humphries, 1988), ainda que de uma forma um pouco diferente. Para ele “*Surdo*” se refere a um grupo particular de pessoas Surdas que compartilham uma língua - American Sign Language (ASL) - e uma cultura. A notação “*surdo*” tem a mesma conotação feita por mim acima. Para mim o indivíduo ou um grupo foi considerado Surdo, mesmo quando não compartilhava uma língua e uma cultura, mas que de acordo com o meu ponto de vista tinha o direito de fazê-lo.” (pg. 72)

Desejo entender como essa ferramenta está sendo usada e os benefícios trazidos na educação de Surdos com seu uso, para isso pretendo coletar os dados de uma profissional nesta área

Considero que esse é um campo pouco explorado no trabalho de letramento de Surdos e que essa pesquisa poderá trazer contribuições importantes na área.

3. OBJETIVO GERAL

Analisar, segundo o relato de um professor, a eficácia do uso da Escrita de Sinais no processo de alfabetização de crianças Surdas

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar um estudo sobre a história da escrita de sinais;
- Esquematizar a estrutura do SignWriting;
- Levantar os benefícios sobre o uso do SignWriting.

4. METODOLOGIA – caminhos de pesquisa

4.1 Procedimentos de coleta e análise de dados

Esse trabalho caracterizou-se por ser um estudo qualitativo exploratório. A coleta de dados deu-se por meio de entrevista que foi filmada. Considera-se essa uma forma muito útil e de importância por conter informações sobre o objeto da pesquisa, conforme Ludke e André (1986) ela “...permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (pág 33-34).

O material usado para a coleta de dados foi um questionário aberto com temáticas sobre a escrita de sinais no processo educacional (anexo 01).

O sujeito da pesquisa foi uma pedagoga. Filmamos a entrevista com ela que foi transcrita posteriormente. Embora esta seja ouvinte, ela escolheu a Libras como língua a ser usada para o depoimento. A transcrição foi realizada por mim desde que possuo fluência em Libras. .

A entrevista foi precedida pelas informações dos objetivos, método de coleta e análise, possíveis riscos, benefícios e foi esclarecido à entrevistada que ela poderia desistir de participar da coleta em qualquer momento no período de vigência da pesquisa. A pedagoga assinou um termo de consentimento livre esclarecido (anexo 02) proposto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo autorizando a divulgação das informações fornecidas na entrevista.

Analisei esta entrevista a partir da proposta de Bardin (1977) que enfatiza a organização da análise em torno de cinco etapas cronológicas: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Entende-se a pré-análise como a fase da organização propriamente dita, ou seja, de estabelecimento de um programa de análise. Desdobra-se em três momentos: escolha dos documentos, formulação de hipóteses e dos objetivos e elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação final. A escolha dos documentos é baseada através das regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. A seguir, o pesquisador organiza um corpus, isto é, reúne ou coleciona em um protocolo as informações pertinentes à análise. Inicia-se, então, a fase de “leitura flutuante” que vai se tornando cada vez mais direcionada à formulação de objetivos e hipóteses que auxiliarão a exploração do material, fase esta de categorização e codificação, registro e contagem, se for o caso (uso das técnicas de análise de dados descritas anteriormente). O tratamento dos resultados consiste no tratamento dos resultados brutos de maneira a serem significativos e válidos. Diante dos resultados significativos, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas.

Durante os resultados e discussão, a profissional entrevistada foi identificada como pedagoga para salvaguardar sua identidade, conforme explicitado para ela antes da entrevista e conforme colocado no termo de compromisso livre e esclarecido.

CAPÍTULO II

1. Fundamentação Teórica

O primeiro estudo que considera a língua de sinais uma língua é muito recente, pois data de 1960 com os estudos de Stockoe nos Estados Unidos (MOURA, 2000). Foi apenas em 1984 que a língua de sinais foi declarada pela UNESCO como um sistema lingüístico legítimo que deveria ser estudada como os outros sistemas lingüísticos, afirma Stumpf (2005). Pela lei nº 10.436 de 24 de Abril de 2002, a língua de sinais é reconhecida no Brasil como língua oficial dos Surdos. Essa lei considera a língua portuguesa como segunda língua.

Recentemente, a língua de sinais era vista como uma língua ágrafa, definida como uma língua sem escrita. Entende-se que a escrita de qualquer língua é composta por um sistema de representação constituída por um conjunto de símbolos de segunda ordem, podendo ser as línguas verbais ou de sinais (Figura 1).



Figura 1 – Escrita de qualquer língua

A década de 70 representou um ato histórico para a comunidade Surda em diversos aspectos dentro dos movimentos multiculturais (MOURA, 2000). Dentre essas conquistas temos em 1974 a criação da escrita de movimentos por Valerie Sutton, uma dançarina dinamarquesa que criou o sistema a DanceWriting, onde registrava a escrita dos movimentos da dança (Figura 2).

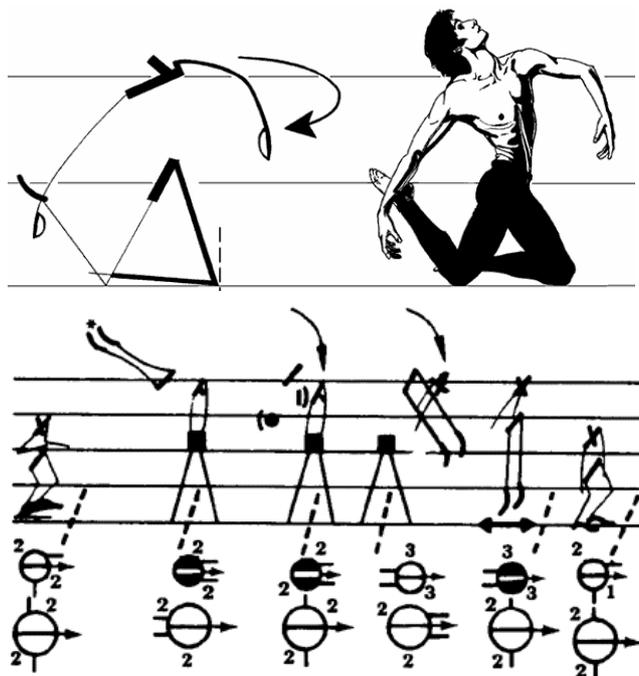


Figura 2 – Primeiras escritas de movimentos

É então, registrada a primeira página de uma longa história: a criação de um sistema de notação de movimento capaz de registrar todo e qualquer movimento, não necessariamente nos humanos, mas também de animais e insetos. Este sistema é separado em 5 categorias;

1. DanceWriting para registrar a coreografia de danças;
2. SignWriting para registrar as línguas de sinais;
3. MimeWriting para registrar a mímica e a pantomima clássicas;
4. SportsWriting para registrar a ginástica, a patinação e o caratê;
5. ScienceWriting para registrar a fisioterapia, a linguagem corporal e os movimentos de animais e insetos.

Seus primeiros registros encontram-se gravados na Universidade de Copenhagem. Em 1977, ocorre o primeiro encontro de pesquisadores, com um grupo de Surdos adultos, liderado por Judy Shepard-Kelg, em que se discute a SignWriting na Sociedade de Linguística de New England nos Estados Unidos, com objetivo de aprender a escrever os sinais de acordo com o SignWriting, sistema escrito no computador.

Em outra ocasião especial sobre escrita de sinais, na década de 80, Valerie Sutton mostrou seu trabalho no Simpósio Nacional em Pesquisa e Ensino de Língua de Sinais (QUADROS, 1997) com o tema: “Uma forma de analisar a Língua de Sinais Americana e qualquer outra língua de sinais sem passar pela tradução da língua falada”. Ali, o sistema de escrita – SignWriting – começou a se destacar, passou do sistema escrito à mão livre para sistema escrito à computador, isto é, foi criado o software que permite a escrita computadorizada de SignWriting. O SW-Edit é um dos softwares mais conhecidos e usados, originado em 1998.

Os primeiros registros no Brasil, em 1996, basearam-se no projeto elaborado por Dr. Antonio Carlos da Rocha Costa, na PUC de Porto Alegre. Este projeto, realizado em conjunto com a professora surda Marianne Stumpf, desenvolveu os primeiros trabalhos de alfabetização com as crianças Surdas.

A finalidade do SignWriting é dar liberdade para que os Surdos possam ler e escrever os sinais e considerar esta ferramenta como registro e aperfeiçoamento de sua língua. Além disso, ela tem como objetivo promover o desenvolvimento cognitivo das crianças na idade de alfabetização. Esse foi um grande passo da história de produção cultural e literária dos Surdos em sua língua materna.

O Alfabeto Fonético Internacional transcreve as propriedades sublexicais das línguas orais e os fonemas, onde busca uma descrição detalhada dos fonemas de uma língua falada e um registro amplo e preciso das palavras de sua combinação, do mesmo modo como o SignWriting é capaz de transcrever as propriedades sublexicais das línguas de sinais, os quiremas (do grego *quiros*,

mão) ou configurações de mãos, orientação e movimentos no espaço e as expressões faciais, segundo Sutton (1977) e Capovila (2001).

Conforme Souza (2002), o SignWriting é mais do que uma transição da língua de sinais para a escrita de sinais. Este sistema possui uma eficiência para que a comunicação seja rápida e, sem complexidade, em língua de sinais por escrito, da vida cotidiana dos Surdos:

“Contudo, SignWriting objetiva ser mais que um mero sistema de notação científica para a descrição detalhada de sinais em estudos lingüísticos. Ele objetiva ser um sistema prático para a escrita de sinais que possibilite a comunicação rápida e inequívoca em língua de sinais, por escrito, dos Surdos no dia a dia.”
(pág 17)

De acordo com Manual de SignWriting (1996), existem formas de se escrever os sinais:

1. Escrita com o corpo inteiro: enfatiza a figura completa do corpo, o que facilita a leitura do Sign Writing pelos iniciantes. Este sistema de escrita é usado na Dinamarca pelas crianças Surdas, intérpretes e familiares. Além desta facilidade, foram desenvolvidos vários dicionários na Dinamarca. Abaixo, a ilustração dos sinais dinamarqueses escritos de um programa denominado TegnBank criado pela lingüista Karen Albertsen do Centro Surdo de Comunicação (The Deaf Center For Total Communication):



Figura 3 – Escrita com corpo inteiro

2. Escrita de sinais padrão: salienta o uso da figura com símbolos, o qual relaciona o sinal com uma unidade visual. É considerada padrão no uso da escrita da língua de sinais e vem sendo utilizada nos Estados Unidos e em outros países, principalmente no Brasil;

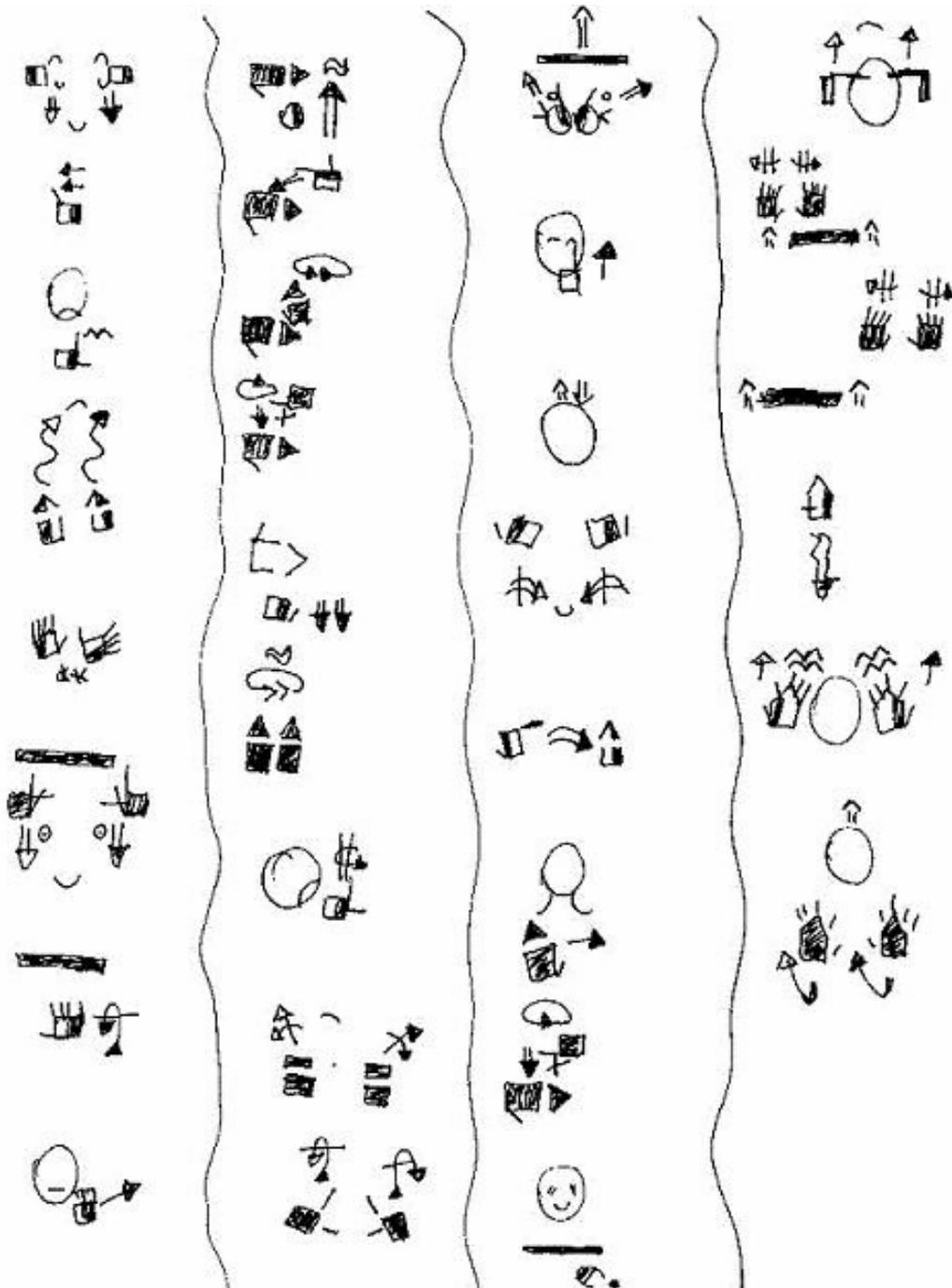


Figura 4 – Escrita padrão: um trecho do hino nacional

3. Escrita simplificada ou escrita à mão: é um sistema genérico simplificado para anotar qualquer movimento ou posição do corpo rapidamente. De outro modo, uma forma simplificada que exclui alguns símbolos de contatos com finalidade de facilitar a redação da escrita à mão.

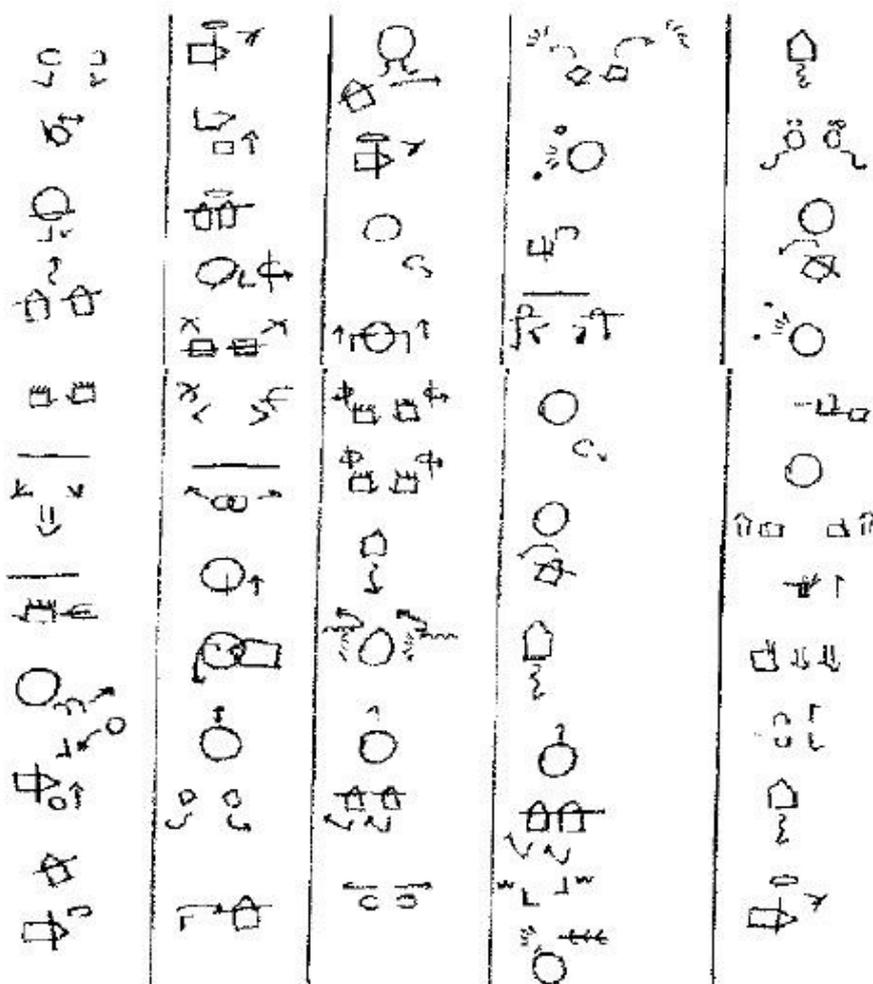


Figura 5 – Escrita simplificada: um trecho do hino nacional

Meu contato com a SignWriting se deu, como colocado no início desse trabalho no curso de Letras/Libras em 2008. Para minha surpresa, a aquisição da escrita de sinais foi uma experiência diferente e interessante. A disciplina escrita de sinais foi um dos grandes desafios que já enfrentei. Com o tempo, percebi que esta escrita se relaciona com a representação visual. Hoje, confesso que domino essa escrita.

No decorrer do curso de Letras Libras, a disciplina de escrita de sinais foi criada em três níveis. O primeiro momento enfatizou a observação da representação simbólica da Libras em SignWriting sobre os sinais escritos: punho fechado, punho aberto e palma aberta. Foi realizado treinamento de

exercícios de escrita de sinais, principalmente das posições de configurações da mão e três estruturas básicas: posição de mão, movimentos e contato, além das expressões faciais, com sistema de letramento e alfabetização. Além disso tivemos noções básicas do SW – Edit, software de SignWriting. No segundo nível, foi priorizada a transcrição de língua de sinais para a escrita de sinais, com muitos exercícios e por último, muitas leituras dos livros em escrita de sinais, tais como: Davi (2006) e Kauana (1997). Por último, foi feita revisão dos exercícios do primeiro e segundo nível junto com transcrição de frases e textos em português para escrita de sinais e finalmente foi pedido para que montássemos uma história pessoal em escrita de sinais.

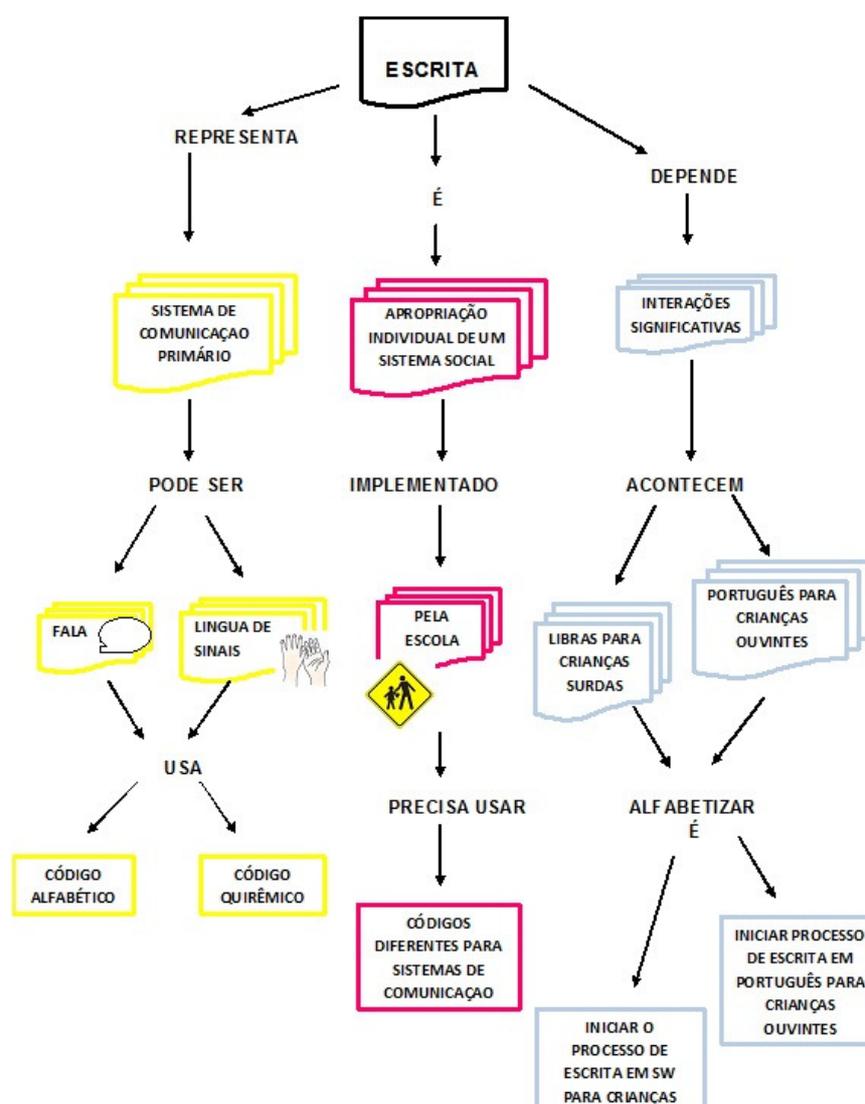


Figura 6 – Mapa Conceitual da Escrita

Compreendi, durante a aquisição de escrita de sinais, que a sua aprendizagem é diferente da aquisição de português como é tradicionalmente ensinado, isto é, tendo como base a oralidade.

A figura 6 aponta o mapeamento da escrita. Observe que a representação da escrita está relacionada ao sistema de comunicação primário, sendo que este pode tanto da fala como da língua de sinais para a escrita de sinais. É importante destacar que no uso da fala, seu código é alfabético gerado pela comunicação verbal enquanto o da língua de sinais é quirêmico produzido pela comunicação viso-espacial. Enfim, a escrita é definida como apropriação individual de um sistema social implementado pela escola, o qual necessita dos códigos diferentes para diferentes sistemas de comunicação. Além disso, depende nas interações significativas tanto quanto se trata do uso de Libras para crianças Surdas e como do português para crianças ouvintes. A princípio, o ensino da leitura e escrita para as crianças Surdas se centraria no processo de escrita de sinais da mesma forma que o processo de português se volta para crianças ouvintes, veja a figura abaixo:

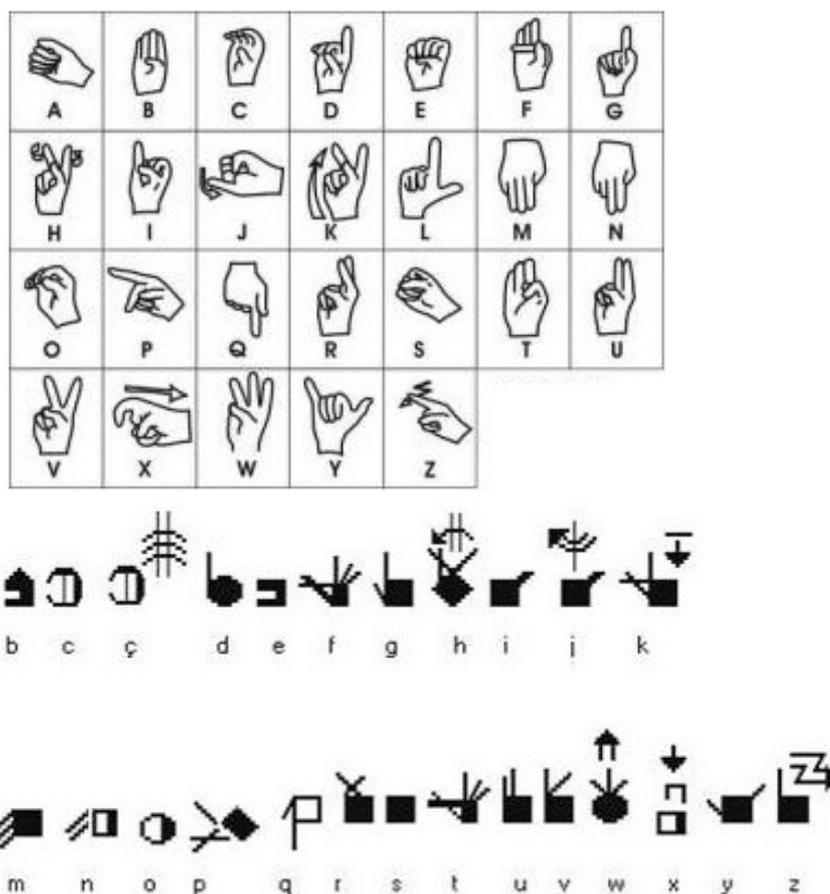


Figura 7 – Sistema alfabeto em Libras, Escrita de Sinais e Português

Para facilitar o entendimento do SignWriting, a seguir elaborei uma descrição deste sistema.

3.1 SignWriting

Segundo STUMPF (2005), o sistema SignWriting é baseado por três estruturas básicas: posição de mão, movimentos e contato. Além destas, possuem símbolos para expressões faciais, pontos de articulação, pontuação, corpo dentre outros.

3.1.1 Posição de Mão

As configurações básicas das mãos são: circular, aberta e fechada (figura 8).

| | | |
|---|---|----------------------|
|  |  | Punho Fechado |
|  |  | Punho Aberto |
|  |  | Mão Plana |

Figura 8 – Configurações básicas de mão no sistema SignWriting.

A figura 9, representa adição de linhas para os dedos.

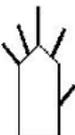
| | | |
|---|---|-----------------------|
|  |  | Mão Indicadora |
|  |  | Mão - D |
|  |  | Mão Aberta |

Figura 9 – Adicionar linhas para os dedos

3.1.2 Orientação da palma da Mão

A orientação da palma da mão se baseia nas cores preto e branco. Onde a palma da mão é representada pela cor branca, entende-se como clara e vazia enquanto a cor preta está no dorso da mão, reconhece como escura e cheia. O lado da mão é conhecido como uma metade em branco e outra em preto. A figura 10.1 e 10.2 mostra como escrever a mão.

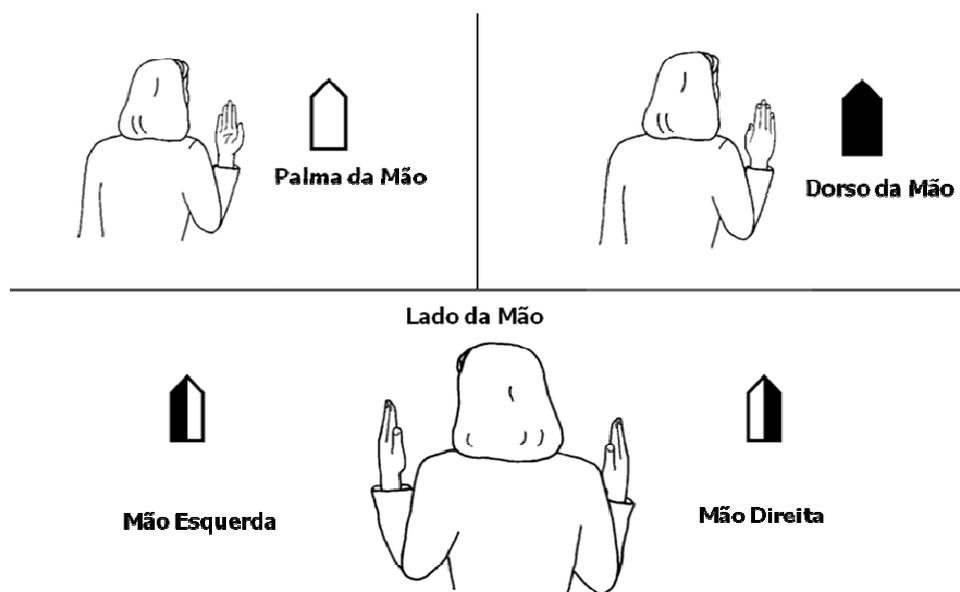


Figura 10.1 – Mão plana

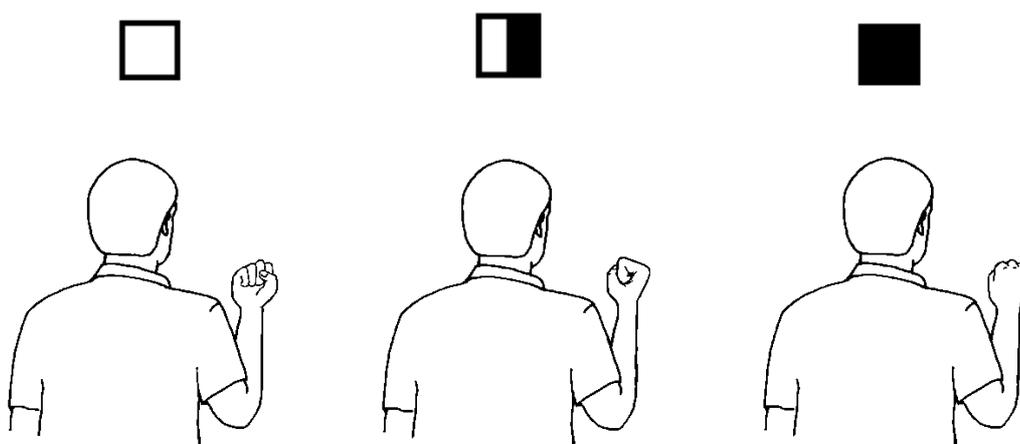


Figura 10.2 – Punho fechado

3.1.3 Orientação da plana da Mão

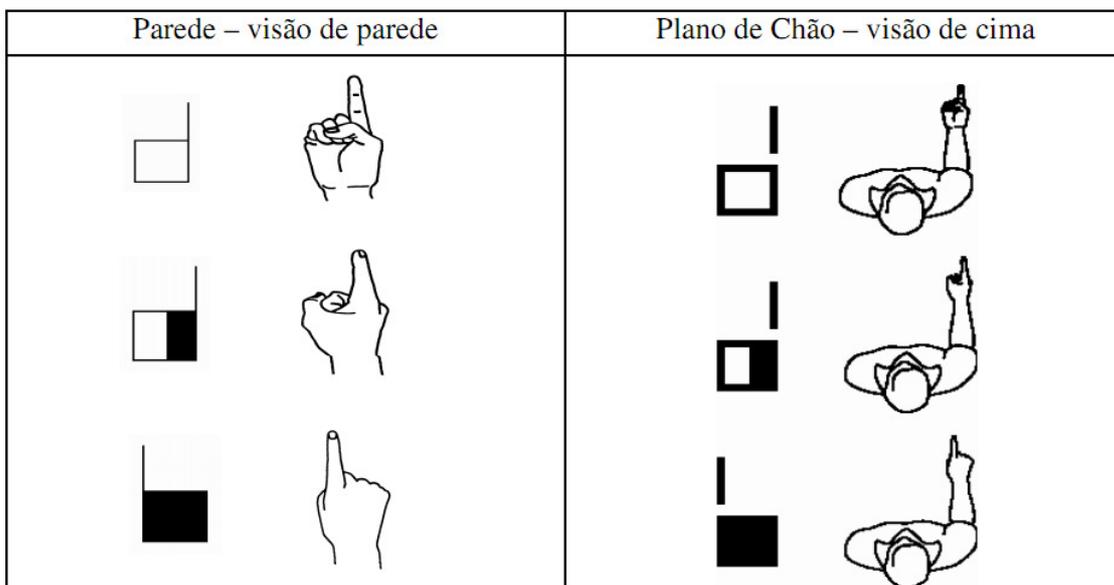


Figura 10.3 – Orientação da plana do punho fechado

A posição da plana da mão se divide em dois planos: horizontal e vertical. Quando a mão está na posição horizontal, conhecida como visão de cima, possui um espaço na articulação de dedos, conforme a segunda coluna na figura 10.3. Enquanto a posição vertical – visão de parede – não tem espaço articulações dos dedos. Este esquema vale o mesmo para todas as configurações de mão.

3.1.4 Direção

Os símbolos para as mãos podem apontar para oito posições distintas, sejam elas no plano vertical ou no horizontal (Figura 11).



Figura 11 – Direções para as mãos

3.1.5 Movimento

Podem ser classificados em movimentos de mãos e dedos. A seta simples representa o movimento no plano horizontal, já a seta dupla se baseia no movimento no plano vertical. Na figura 12, apresenta alguns símbolos para movimentos.

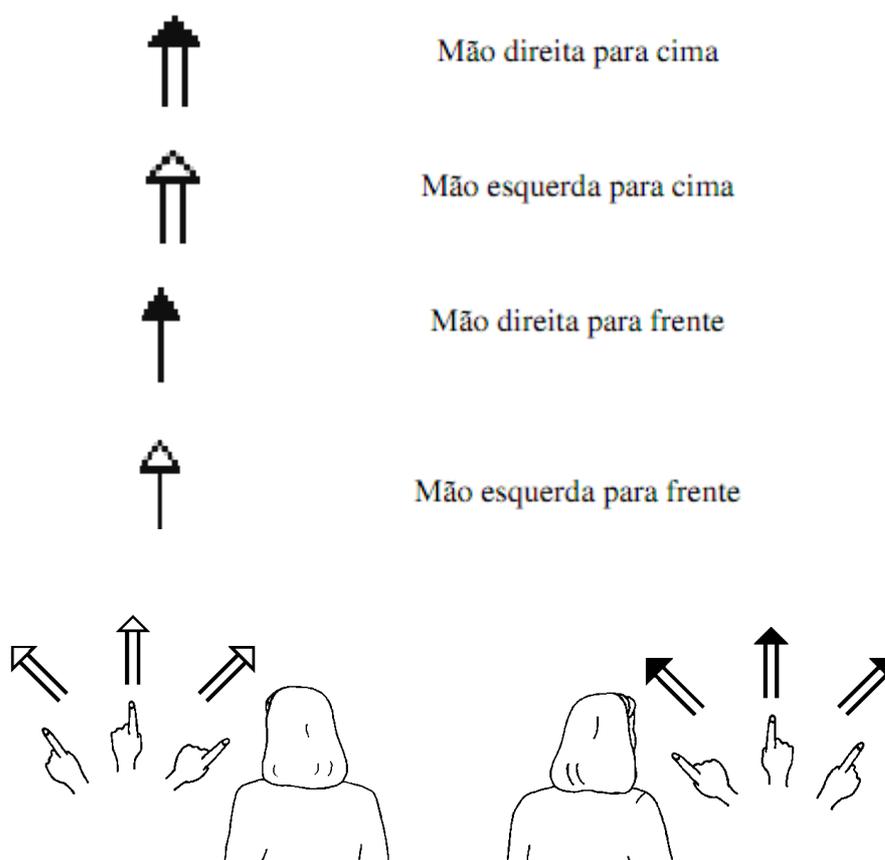


Figura 12 – Tipos de símbolos de movimentos

Além disso, contém as cores pretas e brancas nas setas. As primeiras setas destinam o movimento da mão direita enquanto as de brancas usam o movimento da mão esquerda.

3.1.6 Contato

A terceira estrutura básica do sistema Sign Writing é o contato, este possui seis formas para representar o contato dos símbolos que salientam o sinal, seja mão com mão, mão com corpo ou mão com cabeça. A figura 13 mostra todos os símbolos de contatos.

| | |
|---|----------|
| * | Tocar |
| + | Pegar |
| * | Entre |
| # | Bater |
| ⊙ | Escovar |
| @ | Esfregar |

Figura 13 – Tipos de símbolos de contatos

Exemplos dos símbolos de contatos:

| | | | | | |
|---|---|-----------------|---|---|--------------|
|  Papai | * | Contato |  Pagar | # | Bater |
|  Entrar | ⊙ | Escovar |  Voltar | * | Entre |
|  Brabo | @ | Esfregar |  Maravilha | + | Pegar |

Figura 14 – Seis símbolos de Contatos

Segundo Stumpf (2005), existem dez grupos de símbolos para as mãos. Onde estes são agrupados de acordo com quais dedos são usados. Um modo fácil de lembrar esses grupos é contar de um até dez em ASL² (figura 15).

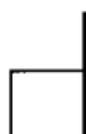
² Sigla denominada como American Sign Language, é uma língua de sinais dominante, através da qual a comunidade Surda nos Estados Unidos da América, nos lugares de expressão anglófona do Canadá, e algumas partes do México, se comunica.

| | | |
|-----------|---|-----------------------------|
| Grupo 1: |  | Indicador |
| Grupo 2: |  | Indicador – Médio |
| Grupo 3: |  | Indicador – Médio – Polegar |
| Grupo 4: |  | Quatro Dedos |
| Grupo 5: |  | Cinco Dedos |
| Grupo 6: |  | Dedo Mínimo – Polegar |
| Grupo 7: |  | Dedo Anular – Polegar |
| Grupo 8: |  | Dedo Médio – Polegar |
| Grupo 9: |  | Dedo Indicador – Polegar |
| Grupo 10: |  | Polegar |

Figura 15 – Grupos de mãos no SignWriting

A seguir seguem alguns exemplos de cada grupo. Cada grupo de configuração de mão possui várias posições de mãos.

Grupo 1



Grupo 1
Dedo Indicador





Indicador
Indicador com o punho fechado



Flexionado
Indicador flexionado com punho fechado



Curvado X
Indicador curvado com punho fechado



Mão D
Indicador com punho aberto



computador

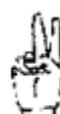


dia

Grupo 2

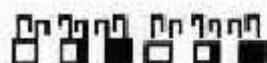


Grupo 2
Dedo Indicador





Mão-2
Dedos indicador e Médios Espalhados



Flexionado
Mão-2 com dedos flexionados



Mão-U
Mão-2 com dedos unidos



Curvado-U
Mão-U com dedos curvados



Mão-N
Mão-U com dedos para frente



Mão-R
Mão-U com dedos cruzados



ver



usar

Grupo 3



Grupo 3
Polegar, Indicador e Dedos Médios



Mão-3
Dedos Polegar, Indicador e Médio Espalhados

Flexionado-3
Mão-3 com dedos flexionados

3-Dedos-O
Curvado-3 com dedos juntos

U com Polegar
Mão-U, Polegar para fora

Mão-Pato-Aberta
Mão-3 com dedos para frente

Mão-K
Mão-3, Polegar toca articulação do dedo Médio

Mão-Pato-Fechada
Mão-3, pontas dos dedos encostadas



pato



enganar

Grupo 4



Grupo 4
Quatro dedos





Mão-4
Quatro dedos abertos



Mão-B
Mão-4 com dedos juntos



Mão-E
Mão-B, com dedos flexionados



Brasil



grátis

Grupo 5

Parte 1



Grupo 5
Parte 1: A Mão Plana

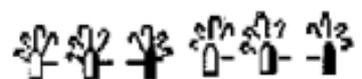




Mão-5
Mão com dedos estendidos
afastados



5-Curvados
Mão-5 com dedos curvados
na articulação do medial



5-Curvados-com-polegar
Polegar estendido, para o
lado



Mão-5-com-polegar-para-frente
Polegar estendido, para frente



Mão-esticada
Cinco dedos unidos



Mão-estendida-com-Polegar
4 dedos unidos, Polegar para o
lado



árvore



América

Parte 2



Grupo 5
Parte 2: A mão em ângulo
Cinco dedos flexionados
estendidos



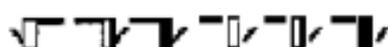
Ângulo Fechado
5 Dedos estendidos para a frente
Pontas dos dedos se tocando



Ângulo Aberto
5 Dedos estendidos para a frente
Pontas dos dedos não se tocam



Ângulo Aberto Afastado
5 Dedos retos para a frente
Dedos afastados



Ângulo -com -Polegar
4 Dedos para a frente,
Polegar para o lado



Ângulo-sem-Polegar
4 Dedos para a frente,
Polegar para dentro

Parte 3

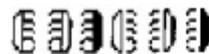


Grupo 5

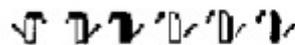
Parte 3: A Mão-C
Cinco Dedos flexionados ou curvados nas três articulações



Mão-C
Cinco dedos para frente curvados



C-afastado
Mão-C com dedos afastados



Mão-C com polegar para o lado
Mão-C, polegar estendidos para fora



Mão-O
Pontas dos dedos se tocando, dedos puchados para trás



O-Caracol
Mão-O com pontas dos dedos tocando articulação do polegar



O-curvado
Mão-O, dedos curvados se tocando

Grupo 6



Grupo 6

Dedo Mínimo





Mão-W
Dedo mínimo e polegar se toca



Mão-3
Dedo mínimo e polegar se tocam fechado



Mão-Terça
Mão-3, Dedos unidos



Mão-3-para frente
Mão-3, Três dedos para frente



Mão-I-Amante



Mão-I
Punho fechado com dedo mínimo para cima



Mão-Y
Mão-I com polegar para fora



Mão-I-Love-You
Mão-Y com indicador para cima



Mão-Banheiro
Dedo mínimo e Indicador para cima



mestrado



terça-feira

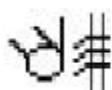
Grupo 7



Grupo 7
Dedo anelar



Mão-droga
Dedo anelar e polegar se tocam



noivo



droga

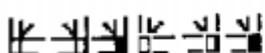
Grupo 8



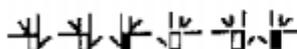
Grupo 8
Dedo médio



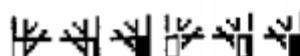
Mão-Só
Dedo médio e polegar se tocam.



Mão-Doente
Mão-Só, dedo médio e polegar para frente.



Mão-Jesus
Mão-Só com polegar para o lado.



Mão-Profissão
Mão-Só, dedo médio e polegar se tocam.



só



largar

Grupo 9

Parte 1



Grupo 9

Parte Um:

Polegar e indicador se tocam
outros dedos para cima



Mão-Certo

Indicador e polegar se tocando,
outros dedos para cima



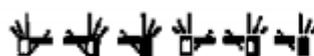
Mão-Certo aberta

Mão-Certo, Polegar e
Indicador para frente



Mão-Certo reta

Mão-Certo estendida,
pontas dos dedos tocando



Mão-T

Mão-Certo estendida,
Polegar entre o Indicador e
o Deseo Médios

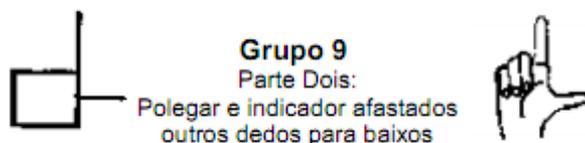


Mão-F

Mão-Certo estendida, Polegar
toca o lado de fora do
Indicador



Parte 2



Grupo 9
 Parte Dois:
 Polegar e indicador afastados
 outros dedos para baixos

Mão-L
 Punho com Polegar e
 Indicador afastados

Mão-G
 Punho com Polegar e
 Indicador juntos

Mão-Revolver
 Mão-L com Polegar
 flexionado

Fechado L - dobrado
 L - dobrado, indicador e
 polegar se tocam

Mão-L com O
 Mão-L com indicador e
 Polegar fazendo O

Mão-L com C
 Mão-L com indicador e
 Polegar fazendo C

Mão-Passarinho aberta
 Mão-G com indicador e
 Polegar para frente se
 tocando

Mão-Passarinho fechada
 Mão-G com indicador e
 Polegar para frente se
 tocando

Mão-sete
 Mão-passarinho com
 à frente do indicador

Grupo 10



Grupo 10
Polegar



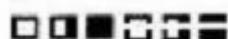
Mão-Onze
Polegar para cima



Mão-Onze aberta
Polegar aberta



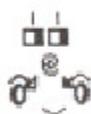
Mão-A
Polegar junto



Mão-S
Polegar na frente



Mão-Figa
Polegar entre
Indicador e médio



esporte



estátua

Software Educacional de SignWriting

O software educacional de SignWriting, durante no processo de ensino e de aprendizagem, permite com que os alunos possam aprimorar e aprofundar seus saberes, pois o:

“...software educativo de SignWriting que tem como objetivo ser um suporte a mais nos processos de ensino e de aprendizagem ajudando nossos alunos a formular, assimilar e desenvolver sua capacidade de manipular os conhecimentos adquiridos.” (STUMPF, pág 16, 2010)

Atualmente, existem diversos softwares educacionais com sistema de SignWriting, seguem alguns exemplos:

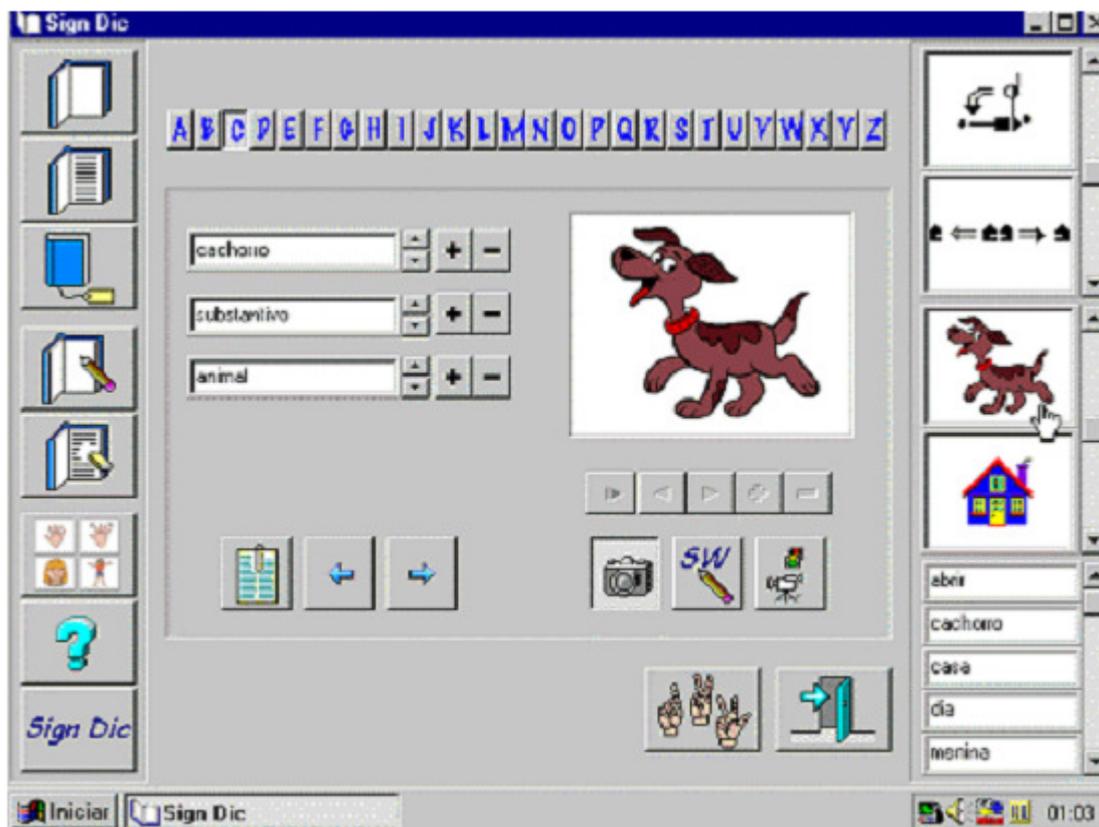


Figura 16 – SignDic

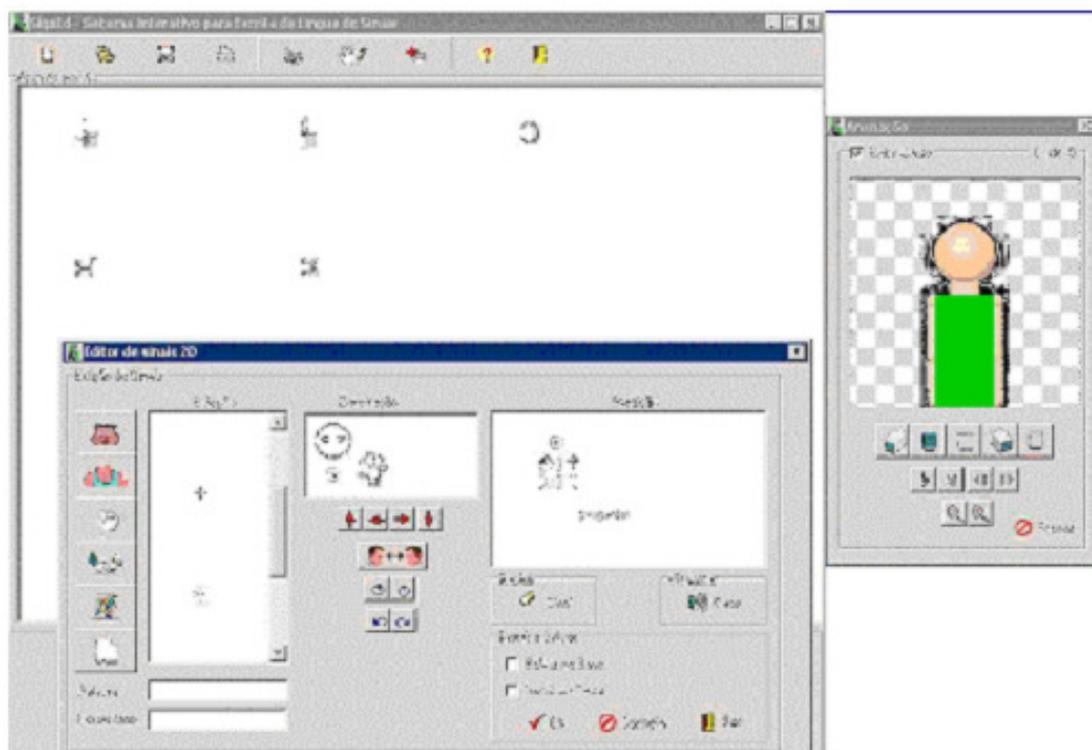


Figura 17 - SignEd

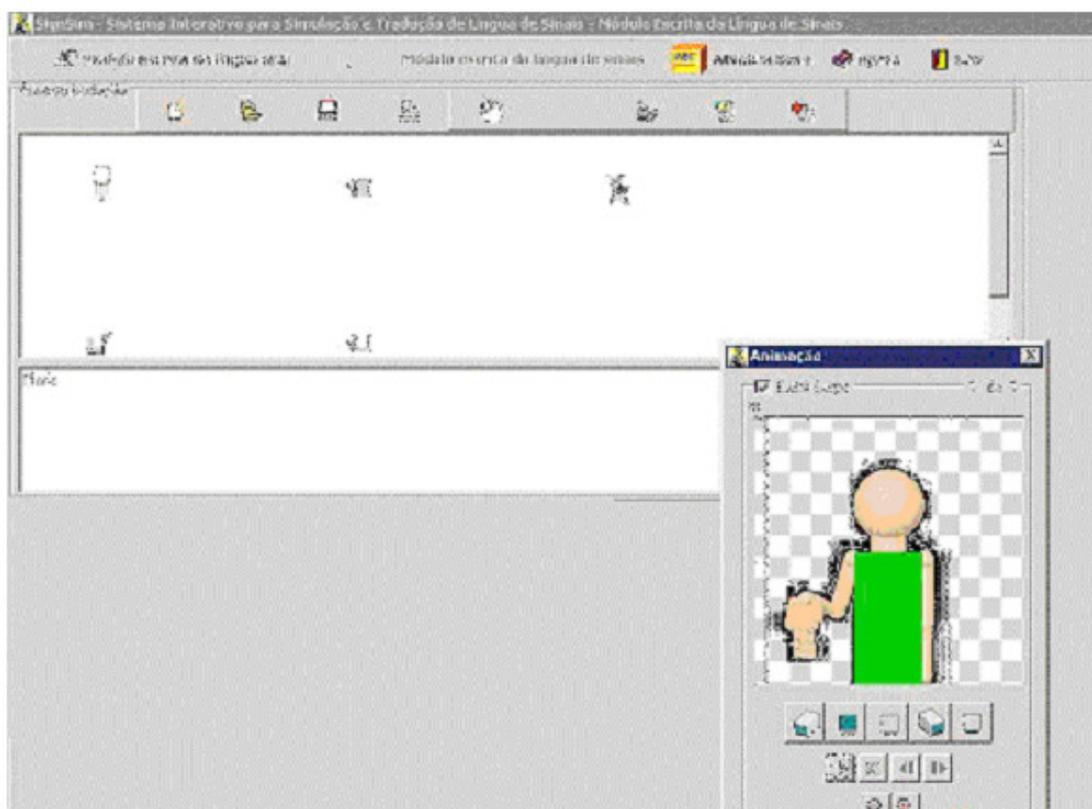


Figura 18 - SignSim

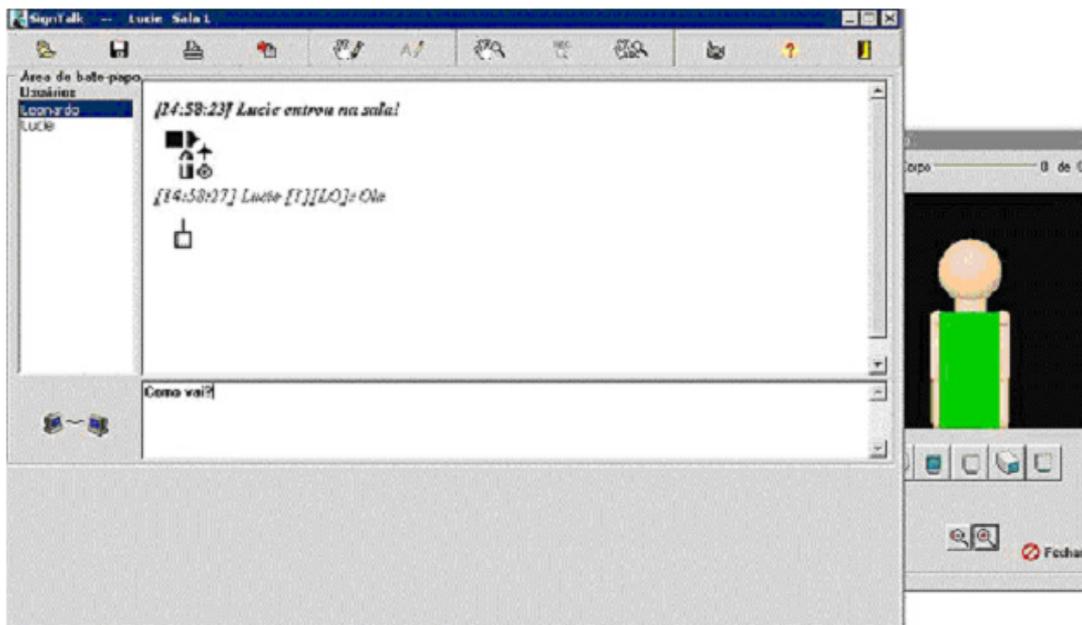


Figura 19 - SignTalk

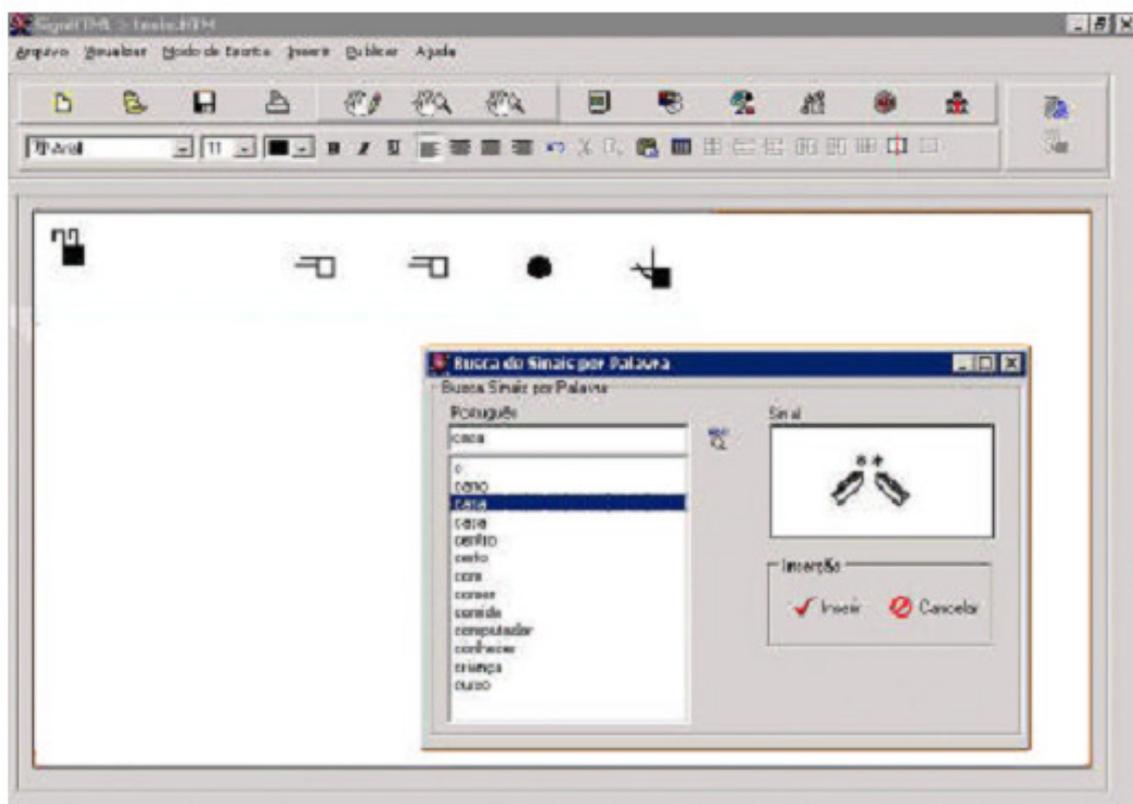


Figura 20 - SignHTML

O SW – Edit é o mais usado e conhecido de todos os softwares educacionais em SignWriting, desenvolvido pelo grupo de pesquisas da Universidade

Católica de Pelotas (UCPel). Ele tem uma interface voltada para pessoas Surdas enfatizando a edição de textos por meio de sistema de ELS (escrita de língua de sinais) denominado SignWriting. Além disso, baseia outras funcionalidades, tais como:

- Inclusão de textos escritos em português;
- Inserção de figuras e imagens;
- Base de dados expansível;
- Possibilidade de fazer traduções
- Dicionários de sinais.

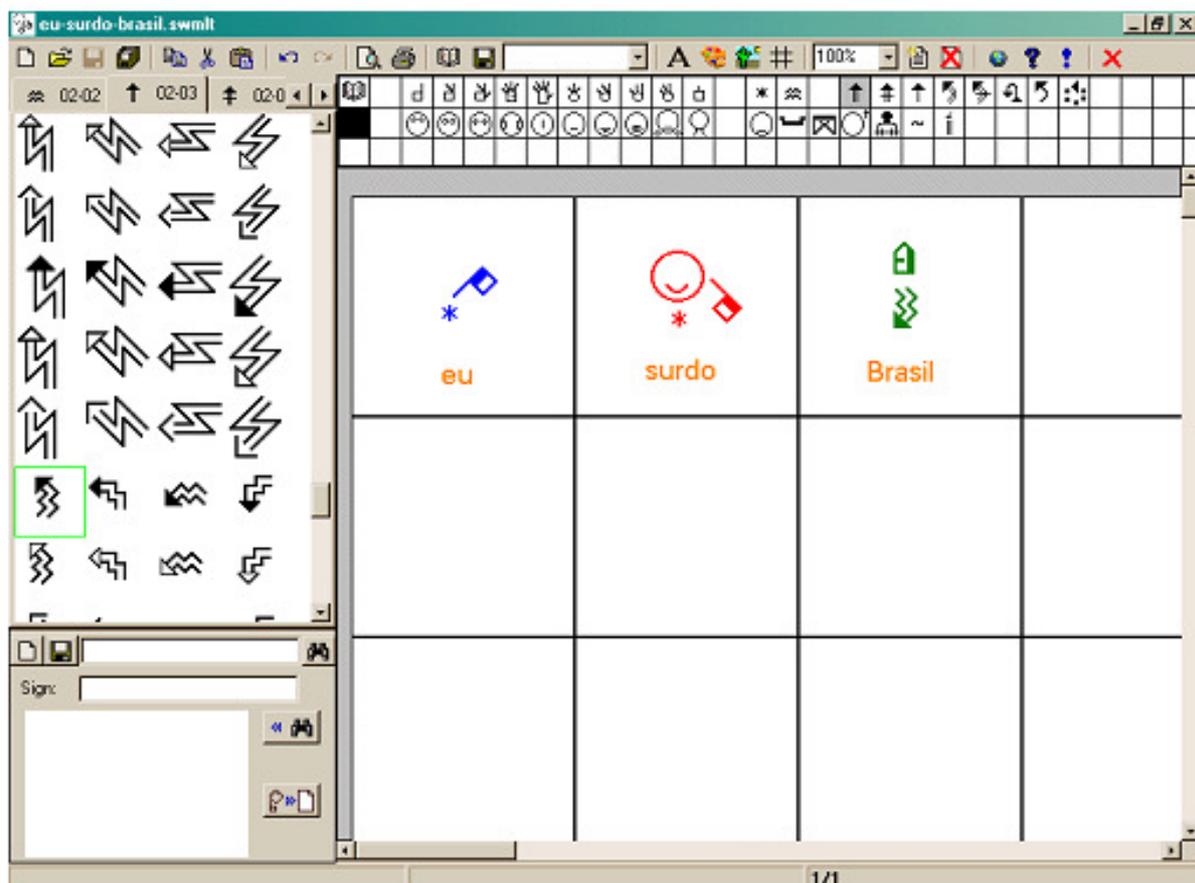


Figura 21 - Software de SW-Edit

Como usar o SW – Edit:

Clica o símbolo que quer em seguida mover o símbolo na caixa

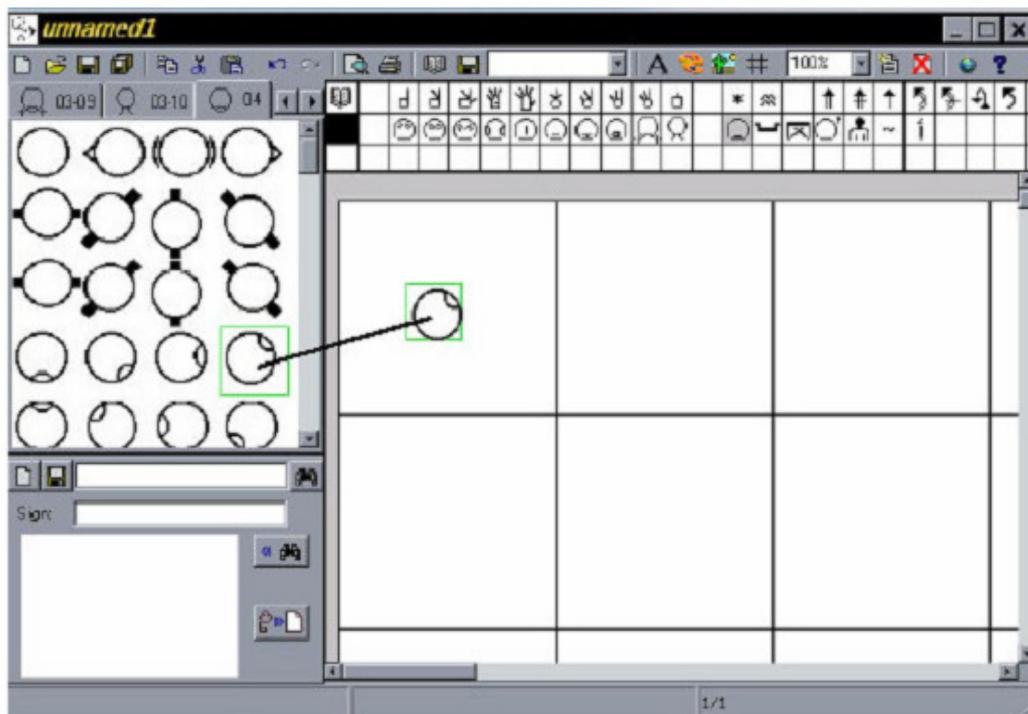


Figura 22 - Símbolo no texto

Mesmo procedimento. Clica o símbolo do grupo, e então clica o símbolo, e move o símbolo na caixa.

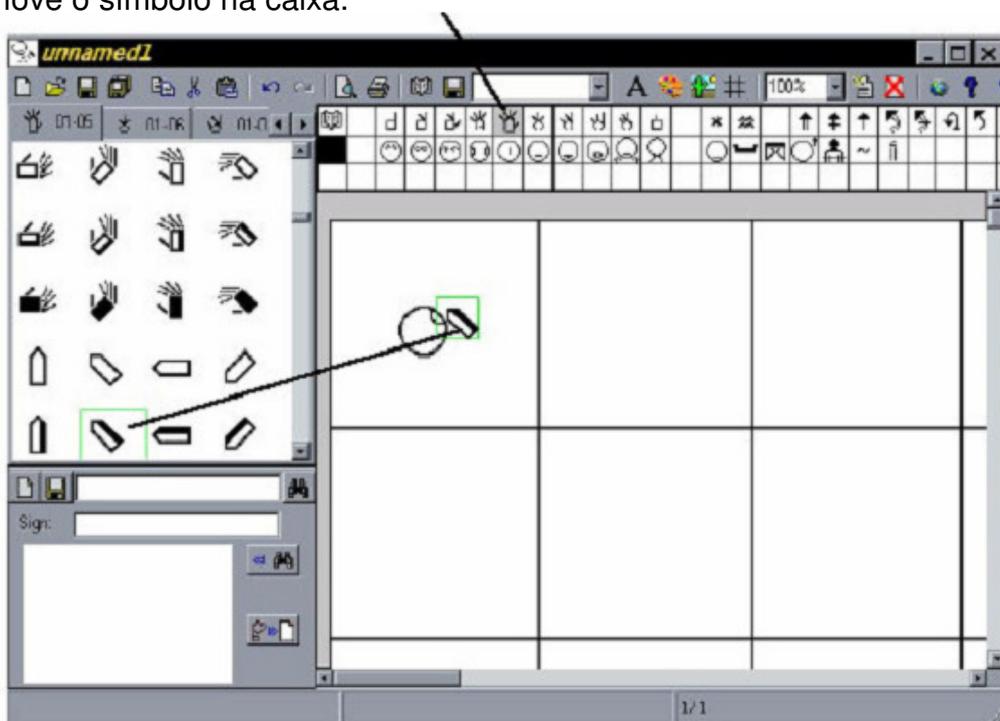


Figura 23 - Escolha os signos

Pode-se perceber que Sign Writing é um sistema altamente técnico que exige conhecimento e estudo profundos e que deve ser avaliado de forma a poder ser mais difundido e usado na educação dos Surdos.

CAPÍTULO III

1. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Os dados coletados na entrevista foram divididos em categorias para facilitar a análise. As categorias levantadas foram;

- *Aquisição de escrita:*

1. Onde aprendeu?
2. A partir de que idade, as crianças Surdas começam adquirir a escrita de sinais?
3. As crianças Surdas aprendem tão rápido esta escrita quanto o português escrito?
4. Quais as vantagens e desvantagens durante o processo de alfabetização para aquisição de escrita de sinais?

- *SignWriting:*

1. Utiliza programa? Por que?
2. Recomenda o uso SignWrintg? Por que?

1.1 Aquisição de Escrita

A pedagoga afirma que aprendeu a escrita de sinais por meio do dicionário trilingue do Capovilla (2001), por não existir um curso desta escrita. Diante de seu interesse, para se tornar fluente do SignWriting, recorreu aos contados – via email – com a professora Marianne Stumpf e a pioneira Valerie Sutton, com as quais mantém contato até hoje.

Percebe-se que SignWriting é uma forma de escrita muito pouco difundida e que é muito difícil de se poder encontrar o lugar para se poder aprendê-la.

“a escrita de sinais é ainda algo recente e inovador no mundo todo assim como no Brasil, em que ela está em fase de experimentação. A

grafia da LIBRAS, até o presente, passa por um processo de padronização.” (GESSER, 2009).

A pedagoga para poder aprender a língua teve que ser autodidata e procurar os caminhos de aprendizagem por si mesma, indo para isso buscar profissionais que a pudessem ajudar. Isso demonstra que ela acredita fortemente nessa forma de escrita que ela usa com seus alunos do ensino infantil e fundamental I.

É interessante relatar que esta pedagoga é ouvinte e possui uma larga experiência como intérprete e professora de Libras e SignWriting. Ela se considera como Surda, ou seja, se diz “naturalizada” como Surda. Se encontra, portanto, totalmente identificada como Surda. O início da carreira como professora de escrita de sinais se deu por conta das dificuldades, por ela observadas, dos Surdos adultos, dificuldades essas relacionados à leitura de textos, mais especificamente aos significados e coesão das palavras. Segundo a pedagoga, eram os Surdos que a procuravam para fazer a tradução de português dos livros pequenos, jornais e anotação de palestras para a escrita de sinais.

A pedagoga inicia a escrita de sinais para crianças Surdas a partir de 6 anos de idade. Primeiramente, salienta a importância da escrita de sinais e em seguida representa os símbolos, trabalhando desde a sua definição até seus aspectos cognitivos e visuais durante o processo de aquisição de escrita de sinais. Frente a essa afirmação indaguei se este processo estaria relacionado ao sistema bilíngüe de escrita de sinais–português ou somente à escrita de sinais e a pedagoga relatou que o processo estaria relacionado ao sistema bilíngüe de sinais- português.

A pedagoga relata que, durante o processo de aquisição de escrita de sinais, as crianças Surdas aprendem mais rápido do que o fazem para aprender o português. A razão pela qual isso ocorre se baseia nos aspectos viso-espaciais relacionados à Libras que permitem que a criança faça uma associação entre as duas línguas e os respectivos sistemas de sinais.

A última questão da categoria “Aquisição de Escrita” trata-se das vantagens e desvantagens da aquisição de escrita de sinais durante o processo de alfabetização. No decorrer da entrevista, a pedagoga somente respondeu as vantagens desta questão, porém considerou as dificuldades de aquisição de português – única escrita – pelas crianças Surdas como desvantagem, por que ele é um sistema fonético. Para superar estas dificuldades, a pedagoga enfatizou o uso de duas escritas – escrita de sinais e português – simultaneamente o que facilita o aprendizado das crianças. Ela cita o exemplo da disciplina de Geografia sobre o ciclo de pôr-do-sol, a mesma faz a transcrição do português escrito – apostila educacional – para a escrita de sinais e ao ensinar utiliza estas duas escritas simultaneamente. Ela destaca que o uso de escrita de sinais melhora a auto-estima das crianças Surdas e as incentiva para a leitura de SignWriting-português.

Nota-se que a aquisição do português ainda é considerada como uma das dificuldades para as crianças Surdas. A razão disso pode ser encontrada no Congresso de Milão de 1880, onde considerou o oralismo como método ideal para o ensino dos Surdos, o que ocasionou a abolição do uso da língua de sinais durante 100 anos (1880-1980).

“...Congresso que aconteceu em Milão em 1880, proibiu o uso de gestos, priorizando o uso do método oral puro como método ideal para o ensino dos surdos”. (CURY, 2009)

A língua de sinais foi abolida da educação dos Surdos e só retornou no final do século XX. A Libras – Língua Brasileira de Sinais – somente foi reconhecida no início desse século pela lei nº 10.436 (22/04/02) e foi apenas por meio do decreto 5226 de dezembro de 2005 que o uso da Libras foi regulamentado, passando a ser incluída nos parâmetros curriculares nacionais – PCN – nos curso de formação de Educação Especial, Fonoaudiologia e Magistério, nos Ensinos Médio e Superior.

Junto com o uso da Libras muitas formas de atuação junto ao Surdo foram propostas, incluindo-se aí a Escrita de sinais, Percebe-se, portanto, que ainda

é muito recente a difusão dessa escrita no trabalho educacional com Surdos, aspecto que deve ser pesquisado e melhor compreendido.

1.2 SignWriting

A pedagoga utiliza o programa de SignWriting para registrar os símbolos e guardá-los, considerando-o como um dicionário. Aponta a importância do teclado em escrita de sinais que tenha a mesma funcionalidade do teclado ABNT e ABNT2 para português. Contudo, o programa está em fase de implantação desenvolvido por ela mesma.

Recomenda o uso de SignWriting para registrar livros ou jornais e, também, para ajudar a aprimorar o português de modo bilíngüe, principalmente para as crianças Surdas. Já que, existe o desprezo pela escrita de sinais ela relembra e faz um paralelo das dificuldades e preconceitos quanto ao uso de Libras, que se mostrava como algo impossível de se usar e ainda mais de ser considerada como uma língua, hoje oficializada e considerada como primeira língua dos Surdos. Acredita-se que esta idéia preconcebida irá desaparecer com a união e a forças das pessoas que querem difundir e que respeitam a cultura Surda – uma comunidade lingüística minoritária – seja a Libras assim como a escrita de sinais.

O uso de software educacional de SignWriting exige muito conhecimentos técnicos e muitos estudos profundos, portanto acredito que as crianças Surdas se mostram entusiasmadas com o uso das tecnologias, ainda mais de modo visual, cheias de figuras e os símbolos da escrita de sinais. Por deste motivo, estão surgindo softwares educacionais de SignWriting, citados anteriormente, para aprimorar ainda mais os aspectos visuais e cognitivos fundamentais que está faltando aos Surdos para assim tornar a educação um processo racional e efetivo. Além disso, isso poderá colocar um patamar mais alto de construção de interações dentro da própria comunidade Surda junto com a comunidade ouvinte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da escrita de sinais seria uma grande evolução, por que essa levaria a um impulso para articular novos saberes da nova forma de se ver a escrita com a relação direta da língua de sinais e da escrita de sinais, assim permitindo que novos conhecimentos possam conter revelações das posturas práticas e teóricas adotadas na educação dos Surdos. Além disso, estudos na área podem levar a uma maior divulgação da escrita de sinais como sendo um importante meio de trabalho com, as crianças Surdas, levando a um maior acesso às informações.

De acordo com as análises de dados da entrevista, ainda que única, percebem-se que, para o sujeito entrevistado, o ensino de SignWriting facilita o aprendizado tanto da escrita de sinais como do português. É interessante, a partir deste dado, compreendermos que o nível cognitivo e a intelectualidade das crianças Surdas é idêntico ao das crianças ouvintes, e que a única diferença entre as crianças Surdas e ouvintes está no ato de ouvir. O que é necessário é que se tenham ferramentas que possibilitem o acesso ao conhecimento pela criança Surda, seja pela língua de sinais na comunicação e no desenvolvimento de linguagem pelo SignWriting no processo de alfabetização. Os aspectos íntegros na criança Surda é que devem ser utilizados para o seu desenvolvimento, isto é, aqueles que são regidos pela visão.

Segundo a entrevistada, o SignWriting permite que as crianças Surdas possam fortalecer sua autoconfiança e autonomia, o que pode auxiliar, o processo educacional e, principalmente, a importância da escrita, seja do SignWriting como o do português. Além disso, entende-se que o SignWriting é um sistema visualmente fonético para as crianças Surdas:

O SignWriting é para criança surda “visualmente fonético” ou uma escrita visual em perfeito acordo com as sua potencialidades. (STUMP, 2005)

Até o presente momento, existem alguns livros de literatura surda produzida em escrita da língua de sinais, são eles: Uma menina chamada Kuana (1997), Rapunzel Surda (2003), A cigarra surda e as formigas (2004), o menino, o pastor e o lobo (2006), Davi (2006), Noé (2007), Cinderela Surda (2007), Feijãozinho Surdo (2009), Manoelito: O palhaço tristonho (2009). A maioria desses livros é mais focada para público infanto-juvenil.

É importante afirmar que a literatura Surda tem como base obras literárias adaptadas para a cultura surda, que tentam trazer a língua de sinais, a identidade e a cultura surda para as histórias, ou seja, dando valor a comunidade Surda que se caracteriza como comunidade lingüística minoritária.

Acreditamos que o projeto de alfabetização é um caminho para a aquisição da escrita da língua de sinais, a qual conduzirá a um processo de aquisição do português, apesar dos dados sobre esse assunto serem escassos. Além disso, devemos lembrar que as ferramentas da alfabetização por SignWriting, ou seja, a decodificação (leitura) e a codificação (escrita) preenchem as exigências dos Surdos em se apropriar desta escrita de sinais, por não se tratar um sistema fonético sonoro.

A aquisição da escrita de sinais somente ocorre numa escola especial para crianças Surdas, isto é, aquela que adota esta forma de atuação. Portanto, entendemos que este sistema é um instrumento segregado, sendo que poderia ser considerado como um instrumento de inclusão por conter um sistema de facilitação de aquisição de escrita, mas até o momento não existe o uso desta escrita em uma escola comum.

A escrita de sinais ainda é pouco difundida por se considerar o sistema simbólico bastante complexo, existir falta de profissionais especializados nesta área e não ser visto como socialmente viável, isto é, nas articulações sociais em que se envolvem na produção de jornais, revistas, placas, enfim os materiais de divulgações em escrita de sinais.

Finalmente, essa foi uma pesquisa exploratória com objetivo de realizar um estudo da história da escrita de sinais, representar as estruturas do SignWriting e levantar os benefícios sobre o uso do SignWrintig no processo de

alfabetização de crianças Surdas. Os dados são incipientes e essa área deve ser mais profundamente investigada, mas consideramos que essa é uma área importante que merece estudos lingüísticos e educacionais que possam validar o seu uso. Esperamos poder realizar isso no mestrado em 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos, p.1, 2002. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm. Acesso em 28 de abril de 2010.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

CAPOVILLA, Fernando C. e RAPHAEL, Walkiria Duarte. “**Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**”, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CURY, D. R. ; MOURA, M. C. ; NASCIMENTO, M. V. B. **Habilitar, Reabilitar, Incluir: o que os sujeitos surdos pensam da atuação fonoaudiológica e educacional**. Iniciação Científica da PUC/SP. 2009.

ESTELITA, Mariângela; Estudos Surdos II. Série Pesquisas. “**Escrita das Línguas de Sinais**”, Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

GESSER, Audrei: “**LIBRAS? Que língua é essa?**” **crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOURA, Maria Cecilia: **O Surdo: Caminhos para uma Nova Identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

NOVAES, Edmarcius Carvalho: **Surdos: Educação, Direito e Cidadania**. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2010.

PONTIN, B. R.; SILVA, E. V. L. **Língua Escrita: Português/Sinais (SW)**. Anais do IX Encontro do CELSUL, out. 2010. Palhoça, SC. Universidade do Sul de Santa Catarina. 2010.

QUADROS, Ronice Müller de: **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1997.

_____ **Um Capítulo da História do SignWriting**. Consultado em 2009. Disponível em <http://SignWriting.org/library/history/hist010.html>,

SUTTON, Valerie. **SignWriting** Site. Consultado em 2009. Disponível em <http://www.valeriesutton.org/>

_____ **Um sistema de escrita para língua de sinais**. Tradução de Mariane Rossi Stumpf. Florianópolis:[s.n.], 2007.

STUMPF, Marianne; **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de sinais no papel e no computador**. Tese de Doutorado. UFSC. Porto Alegre. 2005.

_____ **Educação de Surdos e Novas Tecnologias**. Centro de Comunicação e Expressão. UFSC. Florianópolis. 2010.

SOUZA, Vinícius Costa de: **Sign WebMessage: um ambiente para comunicação via Web baseado na escrita da Língua Brasileira de Sinais**. Tese de Monografia. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. 2002.

<http://www.dicionariolibras.com.br/website/artigo.asp?cod=124&idi=1&moe=6&id=784> Acesso em 05/12/2009

<http://pt.wikipedia.org/wiki/SignWriting> Acesso em 05/12/2009

<http://www.ges.ced.ufsc.br/> Acesso em 02/12/2009

http://www.perspectiva.ufsc.br/pontodevista_05/06_basso.pdf Acesso em 02/12/2009

<http://pt.wikipedia.org/wiki/ASL> Acesso em 10/10/10

ANEXOS

(ANEXO 1)

QUESTIONÁRIO

1. Onde aprendeu?
2. A partir de que idade, as crianças Surdas começam adquirir a escrita de sinais?
3. As crianças Surdas aprendem tão rápido esta escrita quanto o português escrito?
4. Quais as vantagens e desvantagens durante o processo de alfabetização para aquisição de escrita de sinais?
5. Utiliza programa? Por que?
6. Recomenda o uso SignWrintg? Por que?

(ANEXO 2)

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro(a) Senhor(a)

Eu, Daniela Ramalho Cury, aluna da Faculdade de Pedagogia da PUCSP, portador do CPF 264.651.288-02, RG 27.692.133-1, estabelecida na Rua Canuto Saraiva, 280 apto 75-B, CEP 03113-010, na cidade de São Paulo, cujo telefone de contato é (11) 2459-1087 ou (11) 9669-3068, vou desenvolver uma pesquisa cujo título é: “O ponto de vista do professor sobre o uso da escrita de sinais na alfabetização de crianças Surdas” com as supervisões das Prof^{as}. Dra Maria Anita Viviani Martins, portadora do CPF 63844753834, RG 3565323-1, estabelecida na Rua Otávio Marques, 59, CEP: 02334-080, cujo telefone de contato é: (11) 3670-8162 e Prof^{as}. Dra. Maria Cecilia de Moura, portadora do CPF 006576278-95, RG 3717185-9, estabelecida na Av. Da. Cherubina Viana, 200, CEP: 06708-360, cujo telefone de contato é: (11) 4701-3839.

1. O objetivo deste estudo é compreender qual é a representação que os Surdos têm sobre a sua vida escolar e necessito que o Sr.(a). forneça informações à respeito de sua representação sobre a mesma para o que farei perguntas que serão gravadas, devendo ocupá-lo(a) por aproximadamente 40 minutos para completar as respostas.
2. Sua participação nesta pesquisa é voluntária e constará apenas de perguntas que deverão ser respondidas sem minha interferência ou questionamento e que não determinará qualquer risco ou desconforto.
3. Sua participação não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento à respeito do processo de alfabetização de crianças Surdas, que em futuros processos educacionais poderão beneficiar outras pessoas ou, então, somente no final do estudo poderemos concluir a presença de algum benefício.
4. Não existe outra forma de obter dados com relação ao procedimento em questão e que possa ser mais vantajoso.

5. Informo que o Sr(a). tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com Daniela Ramalho Cury ou com as Prof^{as}. Dra Maria Anita Viviani Martins e Prof^a. Dra Maria Cecilia de Moura. Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo.
6. Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros entrevistados, não sendo divulgado a identificação de nenhum dos participantes.
7. O Sr(a). tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas e caso seja solicitado, darei todas as informações que solicitar.
8. Não existirá despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.
9. Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão ser veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível sua identificação.
10. Anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.